



para buscar compreender as motivações e perfil do criminoso. Roubos e furtos em geral acontecem em bairros de classe média alta, por exemplo. “Nesse tipo de crime existe relação direta com os níveis de riqueza e não com os de pobreza, como geralmente é dito”. Segundo ele, ao fazer um levantamento dos locais de maior incidência de roubos e furtos, observa-se que são áreas com maior circulação ou acúmulo de bens, regiões com alta concentração de riqueza. Já homicídios ocorrem, em maior número, nos bairros pobres e as motivações são passionais ou relacionadas ao tráfico de drogas em sua maioria.

Para o coordenador, o planejamento urbano pode contribuir na redução dos índices de violência. Ele acredita que o processo de urbanização tardio, acelerado e desordenado dos países latino-americanos gerou muitos conflitos sociais que seriam a raiz do problema da criminalidade. “Os países que tiveram um desenvolvimento rápido e tardio possuem, em geral, desordenamento urbano e as maiores taxas de criminalidade do mundo”, conclui Kahn. Denise Mônaco assinala que a relação entre planejamento urbano e qualidade de vida nas grandes cidades faz parte de uma concepção do pensamento urbanístico existente desde a década de 1960 no Brasil. Hoje, porém, o papel do planejamento urbano no crescimento da criminalidade foi minimizado diante de outros fatores, como as variáveis sócio-econômicas e a falência institucional.

Márcia Tait Lima

## JOVENS COMO VÍTIMAS E AGRESSORES

Em 1991, o presidiário William da Silva Lima, um dos fundadores da organização Comando Vermelho, alertou em seu livro *Quatrocentos contra um*: “Vejo claramente que, seja qual for o regime político, se nossa juventude não tiver alternativas, ocorrerá uma guerra civil. Disfarçada, como hoje, ou aberta, mas cada vez mais intensa”. A pesquisadora Nancy Cardia, do Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da USP, ressalta que, em 1960, a capital paulista tinha um índice anual de seis homicídios por cada 100 mil habitantes; em 1990, esse número salta para 70 por 100 mil habitantes. Mas esse não é um fenômeno exclusivo de São Paulo. A média brasileira de homicídios é elevada - de 24 por 100 mil habitantes ao ano - mais que o dobro da média mundial. O envolvimento de jovens com o crime, já apontado por Lima em seu livro, é crescente. Eles constituem um dos grupos mais vulneráveis à violência, seja como agressor ou como vítima. Dados do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (Crisp) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apontam os homicídios como principal causa de mortes entre jovens de 15 a 25 anos no Brasil. Na América Latina, a maioria das vítimas dos homicídios compõe-se de homens, 69% dos quais na faixa etária entre 15 e 29 anos.

## CAMPUS

### Universidade incorpora soluções da cidade para seus problemas

A expansão das universidades no Brasil tem obrigado uma grande parcela delas a rever seus planos diretores e reelaborar a forma de ocupação de seu espaço. Nesse processo, soluções encontradas nas cidades acabam incorporadas nos *campi*. É o caso, por exemplo, de como encarar a questão da segurança do patrimônio e das pessoas dentro do espaço acadêmico: muros e cercas isolando os *campi* universitários, guaritas, câmeras de vigilância, e outros equipamentos eletrônicos de controle e identificação.

Para o prefeito da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o engenheiro civil Carlos Alberto Bandeira Guimarães, apesar de não terem sido feitas reformulações do plano diretor original da década de 1970, a universidade está agora elaborando um plano de uso e ocupação do solo e foram feitos grandes investimentos em segurança, como o aumento de 50% de postos de vigilância e novos veículos. “A idéia agora é partir para o monitoramento eletrônico. Na reforma do ciclo básico [parte central da universidade], incluiremos a instalação de câmeras de



Fotos: Antônimo Perry/Ascom-Unicamp

Vista aérea do campus da Unicamp, em Campinas

controle, mas a idéia é ter isso na universidade toda”, diz Guimarães. Segundo ele, atualmente existem câmeras instaladas em locais específicos, que os próprios institutos coordenam, mas não integram um projeto geral do *campus*. Já a cerca colocada no entorno da universidade foi uma estratégia para aumentar a segurança patrimonial e das pessoas. “Agora estamos instalando uma central de informações próximo a uma das entradas. Nesse trecho, próximo à Faculdade de Engenharia de Alimentos, a cerca será retirada, pois teremos vigilância constante. Depois faremos uma avaliação do resto. Isso vai

ajudar a quebrar o impacto de isolamento e de segregação que a cerca criou”, diz ele.

Para o diretor do Instituto de Geociências da Unicamp, Archimedes Perez Filho, o espaço da universidade é público, mas em função de mudanças sociais, como o aumento da violência, foi necessário delimitar sua área física. “Mas isso não é algo que se dê apenas nas universidades. A população se fecha em condomínios, shoppings cercados com guaritas, exatamente para se prevenir. Essa não é a situação ideal, mas é consequência de uma situação sócio-econômica”, diz ele.

O *campus* da Universidade de São

Paulo (USP), assim como o da Unicamp, também é cercado e tem o acesso controlado por guaritas. “A USP fecha seus portões após 23 horas, mas não é proibido que as pessoas ingressem, desde que justifiquem sua entrada. Fazemos um controle como num condomínio, por exemplo”, diz Wanderlei Messias da Costa, prefeito do *campus* na capital paulista. Para ele, a cidade universitária não deve ser aberta de modo indisciplinado e indiscriminado. “Acho que são necessárias regras, porque, no passado, pagamos um preço muito alto pela abertura do *campus* sem controle”, argumenta Costa.

Já na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no interior paulista, existem cercas e guaritas, mas uma parte do terreno da universidade fica fora das cercas, a chamada Pista da Saúde. Ricardo Siloto da Silva, arquiteto e responsável pela pró-reitoria de administração e pelo planejamento urbano do *campus*, explica: “Criamos ali um parque totalmente aberto, uma área grande para exercícios, corridas, com estações de ginástica. É um local bastante frequentado e totalmente aberto, a qualquer hora”. Segundo ele, apesar da existência de cercas e guaritas na UFSCar, a recente reformulação do plano diretor não incorporou elementos muito marcantes relacionados a segurança. De acordo com Silva, a



questão da segurança permeia toda a sociedade, mas é algo mais impactante em outros lugares.

**ESPAÇO PRIVADO** O uso privado do espaço das universidades públicas paulistas também provoca polêmica. Na USP discutiu-se, em meados de janeiro deste ano, a ocupação de áreas da universidade por tendas, com *slogans* de empresas e academias, que ofereciam massagem, frutas, sucos e águas para os atletas das academias. “Eu vim ao *campus* num sábado e percebi que um espaço público, que deveria ser franqueado a toda a população, estava praticamente todo tomado por esses atletas filiados a academias de *fitness*, atletas profissionais, com tendas patrocinadas por empresas”, relata o prefeito do *campus*.

Ele não concordou com este tipo de ocupação, principalmente, porque as entidades esportivas sublocavam o espaço para academias. “Como cientista social, vejo uma tendência mundial de se privatizar o lazer. É a chamada indústria do lazer. Sou frontalmente contrário a haver cobrança para ter direito a isso ou aquilo nos es-

paços públicos ou induzir as pessoas ao consumo, sobretudo em universidade pública”, argumenta. Para o prefeito do *campus* de Campinas, da Unicamp, não há problema em que tendas para venda e promoção de automóveis, ou produtos de empresas que apoiaram eventos universitários, ocupem temporariamente espaço dentro da universidade. “É uma contrapartida que as empresas recebem em função do apoio que prestaram. Assim, algumas empresas têm estandes numa certa área da Unicamp, durante um período”. Guimarães acrescenta que, apesar de existirem opositores à sua concepção de uso do espaço público, ele está convencido de que é uma boa parceria. “É apenas uma forma de darmos uma contraparti-



Vias marginais descentralizam fluxo de veículos

da a um parceiro. Não estamos alugando o espaço para arrecadar o dinheiro, nem ganhando dinheiro com isso”, diz ele.

**NOVAS IDÉIAS** Além de incorporar soluções urbanas testadas fora do *campus*, existem algumas universidades pensando em novas saídas para seus problemas. Na UFSCar, após o esgotamento do plano diretor físico inicial, de 1978, uma nova configuração começou a ser elaborada no Plano de Desenvolvimento Institucional de 2002. De acordo com Ricardo Siloto da Silva, o grande diferencial no novo projeto é não se restringir à parte física buscando, nas atividades fins da universidade, os elementos para nortear as modificações necessárias.

Um exemplo é a adoção do urbanismo bioclimático, que planeja a ocupação do espaço e as construções visando o conforto dos usuários e sem a dependência de equipamentos, como ar condicionado, além de menor uso possível de luz artificial. Uma outra modificação recém-concluída na UFSCar está na integração no espaço e na extensão universitária, da área de saúde. Apesar de não abrigar um hospital-escola, a universidade oferece serviços nas áreas de fisioterapia, enfermagem, terapia ocupacional e psicologia que, até o Plano de Desenvolvimento Institucional, funcionavam de forma isolada.

Marta Kanashiro